

VIA TEOLÓGICA

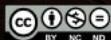
Volume 23 – Número 45 – jun. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

A FÉ CRISTÃ EM UM MUNDO PÓS-DEUS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE TIMOTHY KELLER PARA O DEBATE

Me. Jonathan Batista Maximo Salgado



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A FÉ CRISTÃ EM UM MUNDO PÓS-DEUS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE TIMOTHY KELLER PARA O DEBATE

The christian faith in a post-God world: some contributions by Timothy Keller to the debate

Me. Jonathan Batista Maximo Salgado¹

¹ Doutorando em Teologia pela PUC-RJ, Mestre em Teologia pela PUC-RJ, possui Pós-Graduação em Teologia Sistemática aplicada pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR e é pastor da Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá no Rio de Janeiro.

RESUMO

O presente texto tem o objetivo analisar o pensamento do teólogo estadunidense e pastor presbiteriano Timothy Keller, que muito tem contribuído para o debate do espaço da fé cristã em uma sociedade que colocou Deus e religião para âmbito do privado. Que refletindo sobre o momento contemporâneo, que por alguns é chamado de pós-modernidade, hipermodernidade e mesmo modernidade líquida, busca respostas de como a fé cristã lida com os desafios que esse mundo globalizado apresenta. Construindo uma narrativa apologética, ele vai do ataque as bases do pensamento secular até a apresentação da fé cristã para os dias atuais. Construindo, assim, um importante itinerário reflexivo para espaço da fé no cenário intelectual, moral e espiritual hodierno.

Palavras-chave: Secularismo. Deus. Fé Cristã. Desafios da igreja.

158

ABSTRACT

This text aims to analyze the thinking of the American theologian and Presbyterian pastor Timothy Keller, who has contributed a lot to the debate on the space of Christian faith in a society that has placed God and religion in the private sphere. That reflecting on the contemporary moment, which by some is called postmodernity, hypermodernity and even liquid modernity, seeks answers on how the Christian faith deals with the challenges that this globalized world presents. Building an apologetic narrative, he goes from attacking the foundations of secular thought to presenting the Christian faith to the present day. Building, thus, an important reflective itinerary for the space of faith in today's intellectual, moral and spiritual scenario.

Keywords: Secularism. God. Christian faith. Challenges of the church.

INTRODUÇÃO

A igreja, ao longo de sua história, sempre teve que lidar com muitos desafios. Cada um deles representando o momento histórico vivido. O livro de Atos, que marca o início da igreja, narra desafios com o judaísmo, religião institucional dominante no cenário palestino. No mundo grego, a filosofia pagã dualista não podia conceber a ideia de um Deus que se encarna e não só isso, que ressuscita, gerando um debate longo entre o pensamento pagão e o pensamento cristão. A fé cristã teve que lidar com perseguição e morte de alguns de seus membros durante seus primeiros séculos. No fim do império Romano com a chegada dos bárbaros e suas demandas, para citar alguns exemplos. Contudo, importa saber qual o desafio da fé cristã hoje. Para isso, é importante estabelecer o momento vivido pela igreja contemporânea e a demanda que esse tempo carrega.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, os tempos contemporâneos, que em sua análise começa a partir do fim do século XX, podem ser chamados de “Modernidade Líquida”. A metáfora da liquidez utilizada para destacar que o momento histórico atual é marcado pelo derretimento das bases sólidas da sociedade, como a tradição. “Mas a modernidade não foi um processo de “liquefação” desde o começo? Não foi o “derretimento dos sólidos” seu maior passatempo e principal realização?”, observa o autor (BAUMAN, 2001, p. 9). O que levanta desafios claros a igreja, pois sua construção se dá por meio da tradição e repousa sobre base sólidas e absolutas, como a existência de Deus.

O filósofo alemão Peter Sloterdijk descreve a contemporaneidade como uma era pós Deus. A luminosidade do divino é gradativamente apagada no surgimento do novo momento. “O crepúsculo da civilização começa no instante em que os habitantes da grande construção cultural são tomados pelo presente sentimento de que nem mesmo os sistemas humanos mais sólidos do presente foram construídos para a eternidade” (SLO-

TERDIJK, 2019, p. 9). Diante de tal afirmação, como não ver o choque entre o momento cultural vivido e a fé cristã que tem suas formulações sobre o entendimento de eternidade? Há, inevitavelmente, um desafio a fé cristã no presente tempo.

Peter L. Berger, sociólogo da religião, tomando emprestado o termo do sociólogo israelense Shmuel Eisenstadt, “modernidade múltiplas”, reflete sobre a dificuldade de estabelecer um conceito que unifique todos os comportamentos humanos. “A ideia [...] é muito simples: a modernidade não aparece apenas numa única versão, mas em várias versões” (BERGER, 2017, p. 138). O papel do cristão é ter a sabedoria de entender qual versão de modernidade ele tem que lidar para formular respostas adequadas para seu tempo e sua cultura.

Já para o teólogo estadunidense, Timothy Keller, o presente tempo pode ser chamado de uma “Era secular”. Para ele, “uma “era secular” é aquela em que toda a ênfase recai sobre o *saeculum*, sobre o aqui e o agora, sem que haja qualquer concepção daquilo que é eterno” (KELLER, 2018, p. 13). O eco prático disso, segue o teólogo: “O sentido da vida, orientação e felicidade são entendidos e buscados na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional do presente” (KELLER, 2018, p. 13). Não há esperança no porvir ou uma expectativa de eternidade, mas uma vida voltada para satisfação imediata.

O presente texto objetiva analisar o pensamento e proposta para lidar com o desafio da Era Secular a partir do pensamento do pastor e teólogo, Timothy Keller. Destacando os pontos que o autor propõe para que a fé cristã continue respondendo às demandas de seu tempo, como fez ao longo de sua história, e sendo relevante para o ser humano hoje. Para isso, três divisões principais serão destacadas no texto, para fins pedagógicos e argumentativos, que são: Por que as pessoas precisam de religião?; Religião é mais do que você pensa; e, O cristianismo faz sentido.

I. POR QUE AS PESSOAS PRECISAM DE RELIGIÃO?

A religião ao longo dos anos não está diminuindo e o ateísmo crescendo. Baseado em um relatório do Centro de Pesquisas da Pew Research Center, publicado pelo jornal Washington Post em abril de 2015, que demonstra que a expectativa é que a religião cresça ao redor do mundo e não diminua (KELLER, 2018, p. 22), Keller inicia seu percurso de relevância da fé cristã. Mesmo no continente Europeu, estima-se um crescimento da vida religiosa ou de pessoas que tem a sua cosmovisão construída com o apoio de alguma fé. Muito disso fruto do grande número de muçulmanos que migram para o continente europeu e seu alto índice de natalidade.

Essa não é a única oposição ao secularismo, pois o meio acadêmico tem produzido material que desestabiliza a sua estrutura. Deus voltou a pauta das cátedras das universidades. “Ao longo da última geração, filósofos como Alasdair MacIntyre, Charles Taylor e Alvin Plantinga têm produzido um importante conjunto de obras acadêmicas em apoio à crença em Deus e criticando o secularismo moderno de maneiras que não são nada fáceis de responder” (KELLER, 2018, p. 23).

O secularismo é abalado diante desse novo cenário. Só que isso suscita uma pergunta, como a religião cresce mesmo em um ambiente secular? Para Timothy Keller há duas boas razões. Primeiro, é que o raciocínio secular é incapaz de responder perguntas existências importantes para o ser humano, e, em segundo lugar, as pessoas percebem de modo intuitivo que há algo para além do imanente ou da materialidade da vida (KELLER, 2018, p. 24).

I.1 A CONSCIÊNCIA DE UMA LACUNA NÃO EXPLICADA

A primeira base argumentativa do autor, alvo do estudo, está no fato de a cosmovisão secular não apresentar boas explica-

ções para as perguntas existências do ser humano. Para isso, ele estrutura a dificuldade enfrentada pelo pensamento secular no campo da moral e no existencial. Buscando apresentar argumentos que fazem da religião a estrutura de pensamento fundamentalmente mais sólida para lidar com esses desafios da experiência.

No campo da moralidade, Timothy Keller se vale do pensamento de Jürgen Habermas, filósofo e sociólogo alemão, que desenvolveu uma crítica contra o movimento secular no que tange sua capacidade de lidar com as questões de ordem moral a partir de suas próprias bases teóricas. “Ele [Habermas] agora acredita que a razão secular sozinha não consegue explicar o que ele chama de “a substância do (ser) humano”. Argumenta ele que a ciência não tem como fornecer parâmetros pelos quais julgar se suas invenções tecnológicas são boas e más para os seres humanos” (KELLER, 2018, p. 25). A eugenia é utilizada como base de prova, pois do ponto de vista científico ela não foi desacreditada, mas sim com base na moral que a ciência não forneceu.

O avanço do estudo genético moderno em identificar e corrigir genes não é só devedor da eugenia, mas é a própria prática dessa ciência.

Mai & Angerami destacam que a eugenia sempre foi entendida como sendo “a preocupação com a saúde e constituição das futuras gerações”. Sendo assim, qualquer conhecimento científico que traga essas preocupações pode ser definido como partidário de uma ação eugênica. Certamente, tecnologias que prometem a “retirada do gene defeituoso” se encaixam em um ideal eugênico (TEIXEIRA, 2017, p. 73).

Mesmo não ganhando o nome de eugênicas, as ciências genéticas mantêm as bases nessa ciência não mais nominada. Não há no pensamento de Keller um desprezo pela ciência, mas um olhar para sua insuficiência.

‘A ciência é uma força magnífica, mas não um mestre da moralidade. Ela pode aperfeiçoar tecnologias, mas não acrescenta limites morais que projetam a sociedade do uso indevido dessas tecnologias. [...] A ciência não ensina [nem pode] o amor fraternal’. A razão secular e científica é uma grande virtude, mas se a entendermos como única base para a vida humana, haveremos de descobrir que existem coisas demais de que necessitamos e que nela faltam (KELLER, 2018, p. 28-29).

Um dos limites do pensamento científico secular é sua incapacidade de responder às demandas humanas, que, por exemplo, existe na dimensão ética.

No campo existencial, o autor estudado aponta para as dimensões intuitivas do ser humano, que em alguma medida tem expectativas com o transcendente. A realidade da morte para o homem e sua inquietude diante dela aponta para um desejo por uma continuidade pós morte. A religião ainda fazendo sentido para muitas pessoas porque é capaz de fornecer respostas, mesmo que de fé, para esses dilemas existenciais.

O intuitivo da transcendência muitas vezes está na resposta do homem ao belo, ou melhor, no que muito da arte, não só ela, desperta naquele que a contempla, “a obra de arte transcende, sobretudo, o sujeito, quer enquanto produtor quer enquanto receptor de arte” (DUQUE, 2003, p. 76). “Há ocasiões em que somos ‘tomados’ por experiência de uma beleza tão avassaladora que nos sentimos compelidos a usar o termo ‘espiritual’ para explicar nossa reação” (KELLER, 2018, p. 32). O autor conclui a seção com a seguinte pergunta: “É possível, então, que a arte continue a provocar nas pessoas a inescapável intuição de que a vida é mais do que o secularismo científico é capaz de Explicar?” (KELLER, 2018, p. 33.).

1.2 O SECULARISMO É OBJETO DE FÉ ASSIM COMO A RELIGIÃO

Uma das críticas da era secular é que a religião não é racional, pois suas categorias são da ordem da fé e as mesmas não podem ser provadas, não há evidências que provem que as religiões têm propostas verdadeiras para a realidade. Populariza-se histórias de pessoas que “amadureceram” e viraram ateus, como o caso do antigo pastor Fábio, que, segundo seu relato, o contato com o mundo globalizado de hoje o conduziu ao ateísmo (AL-HANATI, 2011).

Histórias como essa se popularizam, segundo Timothy Keller, para demonstrar a superioridade do secularismo ateu (KELLER, 2018, p. 49). Tendo como referência a expressão cunhada por Charles Taylor, “história de subtração”, o autor observa, que “as pessoas alegam que a perspectiva secular por elas adotada é simplesmente o que lhes restou depois que a ciência e a razão lhes subtraíram a antiga crença no sobrenatural” (KELLER, 2018, p. 49). Fazendo com que muitos desacreditem da fé, mesmo que bons argumentos lhes sejam apresentados.

O que não é dito na narrativa secular é que as bases que a constituem não repousam na razão, mas a própria fé que é criticada está em seus alicerces. A tentativa de cristalização da razão como único elemento necessário para a ciência apresenta falhas importantes. Pois um dos pontos destacados por Keller é o fato de afirmar que a razão é o único meio de chegar a verdade é, por si mesmo, um ato de fé. Com isso, “razão e prova precisam começar com fé na razão e crença em algum conceito específico de prova” (KELLER, 2018, p. 53). Logo, assim como a religião, o racionalismo cientificista da era secular também tem base na fé.

2. A RELIGIÃO É MAIS DO QUE VOCÊ PENSA

A vida religiosa cresce mesmo em um cenário aparentemente árido em sem esperança. No Brasil, o censo religioso de

2010 declara que somente 8% da população nacional se enquadra nos sem religião (IBGE, 2010), o que não significa que são sem fé. O lidar com a vida, com seu sentido, extrapola a capacidade que a razão tem de explicar as demandas da vida. É o que a segunda e mais volumosa parte do livro analisado faz, passando da apologética de ataque ao movimento secular, para a de defesa da crença. Buscando apresentar a importância da religião para lidar com sofrimento, felicidade, justiça, identidade e outros.

2.1 A RELIGIÃO E O SOFRIMENTO HUMANO

A busca por sentido na vida é muito comum ao ser humano, pois os homens são os únicos seres vivos que refletem sobre o tema. Mesmo o pensamento secular, com a ciência racionalista ao seu lado, dizendo que a vida limitasse ao espaço temporal que se mantém na terra, ainda sim o homem busca por um sentido em sua existência. A angústia que decorrer com a certeza de que a areia da ampulheta da vida está terminando é avassaladora. O homem diante desse cenário continua a buscar os porquês de sua existência.

Para Timothy Keller, o século 21 apresenta uma peculiaridade com relação a busca de sentido. Enquanto os séculos 19 e 20 apresentam o desespero da alma quando lidam com o sentido da vida, o século 21, com suas mentes cosmopolitas e seculares, tentam ignorar a angústia levando uma vida pragmática, capitalista e cética (KELLER, 2018, p. 87). A melhor coisa a se fazer é ignorar esse tipo de pensamento ocupando a vida com as coisas que importam agora, ignorando uma hora será esquecido. Só que não é tão fácil como se pensa. Uma das grandes dificuldades de ignorar o propósito da vida é quando a vida se depara com o sofrimento. Diante da dor, do luto, das incertezas da vida o ser humano busca explicações que o ajudem a lidar com seus desafios. Isso não quer dizer que o pensamento secular não criar respostas para esses dilemas da vida. Aqui está a diferença, observa o autor, sentidos que são criados não são os melhores para dar respostas ao homem, mas os descobertos, como Deus. O sentido criado depende

da subjetividade humana, já o sentido descoberto é externo ao homem. Enquanto o primeiro é feito e determinado pelo próprio homem, o segundo vem em direção ao homem, como: um Deus criador que o faz com um determinado propósito.

Para Keller, três são os motivos para que o sentido descoberto seja mais importante e mais valioso que os criados. Em primeiro lugar, ele é mais racional. Por racional o autor está dizendo o sentido da vida mais fácil de ser sustentado de forma prática (KELLER, 2018, p. 93). Pois se o sentido da vida está vinculado a coisas passageiras desta existência, o propósito de viver ou de fazer o que se faz finda quando o que foi criado para dar sentido passa. Agora, quando o fundamento para viver é descoberto em Deus, como na fé cristã, qualquer que seja o cenário sempre haverá uma razão para continuar.

Segundo lugar, o sentido descoberto é mais comunitário do que os sentidos criados (KELLER, 2018, p. 97). A proposta de criação de sentido do século 21 é completamente individualista, o que é muito nocivo para a realidade social. Exortando sobre o cuidado com a “Casa comum”, Papa Francisco fala sobre os riscos de pensamento individualista, “Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo mais se torna relativo” (FRANCISCO, 2015, p. 299-100). Já o sentido descoberto propõe uma experiência comunitária, dando a todos um sentido comum para conduzirem a sua vida, fortalecendo assim os laços sociais.

Por fim, o terceiro ponto destacado por Keller, é que o sentido descoberto é mais durável do que os sentidos criados (KELLER, 2018, p. 100). O autor, analisando o relato do médico judeu, Viktor Frankl, que sofreu nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, observa que diante do sofrimento muitos sucumbiam a ele por desistirem de um sentido para viver enquanto outros permaneceram lutando contra a dor. Ele destaca que “Frankl percebeu que o único modo de fazer a humanidade dos prisioneiros sobreviver era transferindo o sentido principal

de sua vida para algum ponto de referência transcendente, para algo além desta vida e até mesmo do mundo” (KELLER, 2018, p. 101). O que permanecia era a fé diante do sofrimento.

2.2 A RELIGIÃO E A FELICIDADE

Uma outra demanda do ser humano é a felicidade. Viver por viver não é suficiente, pois esperasse da vida um contentamento que impulsiona o viver. Mas como conseguir a felicidade, se é que pode ser adquirida? Baseando sua análise do mundo secular do século 21 no psicólogo Jonathan Haidt, Keller assevera, “a cultura moderna incentiva seus integrantes a encontrarem satisfação por intermédio de esforços ativos para mudar de vida, não só aceitá-la como ela é” (KELLER, 2018, p. 109). Só que isso não tem gerado uma sociedade mais feliz, mas de insatisfeitos.

Para curar a insatisfação do ser humano é necessário mudar a direção de seu coração, propõe Timothy Keller (2018, p. 124). O amor é um vínculo importante para a alegria do coração, o problema é quando ele está vinculado a um ídolo. Tendo Agostinho de Hipona como pano de fundo, ele afirma: “Embora o apego idólatra aos bens terrenos de fato leve a angústia e dor desnecessárias, a solução não era amar menos as coisas da vida e sim amar mais a Deus” (KELLER, 2018, p. 124). É como o salmo 1 fala: Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor” (Sl 1.1-2).

A busca pela felicidade ou a felicidade autêntica é encontrada na reordenação das afeições. Buscando não amar pouco, mas direcionar os afetos para algo que não desperta ciúmes, inveja, causa decepções, que é Deus. Esse amor brotará, pensa o autor, na medida que as pessoas conhecerem mais sobre o amor de Deus por elas que é revelado na encarnação de Jesus Cristo. Quando as pessoas virem um Deus pessoal e amoroso terão seus corações cativados a amar.

2.3 A RELIGIÃO E A BUSCA POR IDENTIDADE

A formação da identidade individual é o foco do autor neste ponto de sua obra. Para ele, a “identidade é um processo que toda a cultura impõe sobre seus integrantes de modo tão vigoroso e difuso que é invisível para nós” (KELLER, 2018, p. 156). Nas culturas antigas isso era uma mescla de desejos pessoais com relações sociais, daí surgia a identidade. Mas hoje, na sociedade ocidental moderna, a identidade surge de um movimento solitário de autodescoberta,

... o secularismo moderno ensina que somente podemos nos desenvolver olhando para dentro de nós mesmos, desvinculando-nos e abandonando a casa, comunidades religiosas e todas as demais exigências, a fim de podermos fazer nossas próprias escolhas e determinar quem somos por nós mesmos (KELLER, 2018, p. 158).

O “eu” não é mais formado a partir do encontro com os outros, mas é uma autoprodução. Para Timothy Keller, esse pensamento não é de todo ruim. Pois há um rompimento com movimentos absolutistas, até mesmo no seio da igreja, que impediam o homem de desenvolver a imagem e semelhança de Deus que há nele. No entanto, uma confiança cega nos seus desejos interiores é ingenuidade. Olhando para a psicanálise, o autor destaca que “Freud acreditava que cada indivíduo tinha desejos profundos que eram essencial e inevitavelmente egoístas” (KELLER, 2018, p. 162). Construir uma identidade somente conduzida por desejos pessoais levaria o homem a grandes conflitos. O autor destaca três problemas para a identidade moderna.

Em primeiro lugar, a identidade moderna é ilusória (KELLER, 2018, p. 163). Não há identidade que seja construída a partir de si mesma, ela sempre dependerá da sua relação com o outro, “contrariando nossa narrativa cultural, precisamos primeiro olhar para fora de nós mesmos e nos conectarmos com alguma outra coisa, antes de podermos mergulhar dentro de nós mesmos e fazer qualquer avaliação” (KELLER, 2018, p. 165).

Em segundo lugar, a identidade moderna é esmagadora (KELLER, 2018, p. 168). As implicações da identidade individualista dos dias atuais são vistas em um fardo grande no próprio indivíduo. Um exemplo disso são as sociedades meritocratas, onde toda responsabilidade de sucesso está no indivíduo, não problemas no sistema educacional, falta de nutrientes alimentares, entre outros. A suposta liberdade da identidade moderna acaba virando um grande fardo. Não importa se você é de uma classe social inferior, se você estudou em colégios de baixa qualidade, se você não é bem-sucedido a culpa é somente sua. Por vezes, esse fardo é reforçado com pontuais histórias de sucesso apresentadas para a sociedade.

Seu último ponto, é que a identidade moderna está se partindo (KELLER, 2018, p. 172). Partindo no sentido de fragmentar as relações. O mais importante são os interesses pessoais e não a relação com a outra pessoa. Bauman, ainda no prefácio de sua obra *Amores Líquidos*, diz sobre os relacionamentos em um tempo líquido:

...desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para - sim, seu palpite está certo - relacionar-se (BAUMAN, 2004, p. 8).

O compromisso com outro se dá por meio de laços frágeis, para que rapidamente possam romper-se assim que desejarem. Só que isso causa um impacto nocivo na sociedade e na cultura. Se opondo a essa percepção está a fé cristã, que chama para uma busca de identidade que está no outro e em si mesmo, pois o ser humano está a imagem de Deus. Em última análise, a identidade está em Deus.

2.4 A RELIGIÃO E O DESEJO HUMANO POR JUSTIÇA

Timothy Keller já havia desferido críticas ao pensamento secular com relação a sua capacidade de dar respostas morais a partir de sua própria narrativa. De certa forma ele retoma o tema neste trecho de sua obra, mas agora com um enfoque mais pessoal. Se valendo da argumentação paulina, que diz: “quando os gentios, que não têm a lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a lei; pois mostram que as exigências da lei estão gravadas em seus corações” (Rm 2.14-15), o autor busca uma moral gravada no coração humano. Não como fruto de reflexão secular, mas como fruto de um legislador maior que a colocou no homem (KELLER, 2018, p. 224-225).

Diante de uma sociedade secular com uma moral esquizofrênica, como destaca Keller (2018, p. 226-233), é possível retornar ao debate sobre justiça, moral, ética, com um argumento a favor de Deus. Pois a existência de uma necessidade moral real no ser humano pode apontar para um criador moral. “O filósofo George Mavrodes afirma que a realidade da obrigação moral pode não provar a existência de Deus, mas é evidência muito forte disso” (KELLER, 2018, p. 241).

Por isso, é possível conduzir uma sociedade secular a refletir sobre a importância da religião, de modo especial, a fé cristã, como promotoras de uma moral social com mais fundamento teórico em sua narrativa e mais amor em suas proposições. Pois, “o evangelho de Jesus Cristo oferece uma verdade absoluta não opressora, que fornece uma norma fora de nós como modo de fugir da ineficácia do relativismo e do individualismo egoísta” (KELLER, 2018, p. 267).

3. O CRISTIANISMO FAZ SENTIDO

Seguindo de um fluxo mais secular para o religioso em sua obra. Timothy Keller segue para seu desfecho tendo a fé cristã como a melhor forma de lidar com a vida. Ele parte de uma apologética que no primeiro momento desmascara o pensamento secular e vai validando aos poucos o pensamento religioso, até propor o cristianismo como resposta. No último trecho de sua obra ele se detida a pensar sobre a fé que decorre do Evangelho de Jesus Cristo e sua relevância para vida humana.

3.1 OS MOTIVOS PARA CRER EM DEUS

A fé cristã é relevante para o homem e as demandas de sua vida. Crer em Deus e, de modo especial, o Deus cristão, o que é revelado na pessoa do Jesus Cristo, é a decisão mais importante e que é capaz de construir uma cosmovisão capaz de dar boas respostas para a busca de sentido do homem e os seus desafios existenciais. Pelo menos essa é a proposta de Keller. Para provar seu ponto ele destaca oito elementos que torna a crença em Deus algo sensato.

Seu primeiro argumento é comparativo. Após apresentar a cosmovisão secular e suas falhas, agora ele faz um breve comparativo com a maneira de pensar que a fé cristã propõe, o que ele de certa forma já havia feito ao longo da obra. Lançando um olhar para toda obra, ele afirma: “o cristianismo é o que mais faz sentido sob o aspecto emocional e cultural” (KELLER, 2018, p. 272). Como isso em mãos, o leitor pode fazer uma análise racional da proposta de vida cristã em comparação ao secularismo contemporâneo. Mas seu primeiro argumento é só um preparo para os demais.

No seu segundo ponto ele apresenta motivos racionais para crer em Deus corrigindo uma premissa de acusação do mundo secular, que pede provas da existência de Deus. Como se

Deus fosse um ser terreno e que pudesse levantar provas de sua existência como se faz quando se descobre um novo espécime. Baseado no filósofo C. Stephen Evans, o autor argumenta que Deus não pode ser provado empiricamente como pretendem alguns, mas a partir da lógica a existência de Deus pode ser provável. Essas são os próximos seis argumentos deste trecho do livro.

O já conhecido argumento cosmogônico, que se algo existe é porque sua existência depende de outra e assim sucessivamente, é utilizado pelo autor. O ponto final desse argumento é um ser pessoal e eterno que deu origem a tudo. Isso não prova, conclusivamente a existência de Deus, mas é um forte argumento para pensar na existência de um ser acima da realidade encontrada.

Outro ponto é o *design* percebido no universo. Muitos cristãos têm chamado a atenção para o aspecto ordenado do mundo, como: leis da física, a constante gravitacional e outros. Além da utilização da probabilidade para pensar a vida na Terra. “Tratando-se de probabilidade, a chance de que todos esses indicadores fossem ajustados ao mesmo a fim de possibilitar a vida é cerca de 10^{100} ” (KELLER, 2018, p. 276). O que não prova a existência de Deus, mas deixa mais provável a existência de uma mente inteligente por trás de tudo do que obra do acaso.

O quinto ponto do autor é a realidade moral do ser humano. “A maioria das pessoas acredita que existam não apenas sentimentos morais, mas também uma obrigação moral” (KELLER, 2018, p. 278). Keller argumenta que essa realidade moral se encaixa de modo mais plausível em um universo que foi criado por um ser pessoal e moral, e não por algo impessoal. Ele continua apelando para a História, “historiadores nos contam que a noção dos direitos se desenvolveu a partir das sociedades que acreditavam no Deus da Bíblia” (KELLER, 2018, p. 278).

A consciência é seu sexto ponto argumentativo. A biologia por mais que tenha avançado e descoberto muito sobre o ser humano, ainda deixa lacunas importantes, como a do ser humano

como ser consciente de sua existência, assim como a sua capacidade de fazer abstrações. Por mais que neurocientistas afirmem que consciência, afeições, moral, estejam em algum campo da associação de células nervosas, mesmo sem provar como, é difícil convencer pessoas que suas experiências de vida não passam de respostas sinápticas.

O sétimo e oitavo elementos argumentativos de Timothy Keller caminham juntos, é a razão e a beleza. Sobre a razão, o autor recorre ao filósofo Alvin Plantinga e seu argumento contra a ideia de que a razão humana é fruto da evolução. Pois se a evolução é uma resposta a necessidade de sobrevivência e a razão foi uma resposta a essa necessidade, como outros animais sobrevivem sem a necessidade dela? O que levanta desafios aos pós-modernos. Já no campo da beleza, ele apela para o sentimento estético do homem, que ao seu ver não pode ser fruto de evolução. O que a coloca como uma dádiva divina concedida ao homem, pois é partilhado por seu próprio criador.

Suas argumentações não procuram deixar provas incontáveis sobre a existência de Deus, pois ele deixa claro que Deus é o improvável, no sentido que não pode ser provado empiricamente. Mas a existência de Deus é racionalmente mais sensata do que a sua inexistência, e mais, a existência de um Deus pessoal, moral, belo e criativo.

3.2 A FÉ CRISTÃ E SUA NARRATIVA

Diante de um cenário de que a existência de Deus é mais plausível e sensata de ser adotada como cosmovisão para a vida, Jesus Cristo é a forma mais pessoal de conhecer a Deus e se relacionar com o criador. A mensagem do Evangelho, do Deus encarnado, é o assunto do último trecho do livro do teólogo americano.

Para fé cristã sua crença em Deus não é fruto de análises lógicas, pois como já foi observado nos argumentos anteriores do autor, não há como provar Deus. Os argumentos mais fragi-

lizam a visão secular de mundo do que apontam para um Deus pessoal, santo, gracioso. Os cristãos derivam sua fé da autorrevelação de Deus. É a fala de Deus ao homem que leva pessoas a fé em Jesus Cristo. O conhecimento de Deus é apresentado por ele mesmo por meio da obra de salvação de Cristo Jesus.

A fonte para o conhecimento de Jesus como figura histórica está, principalmente, nos documentos neotestamentários. Os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João são os que se destacam no Novo Testamento como relatos mais diretos sobre a pessoa de Jesus. Mesmo sofrendo ataques de céticos que diziam que Jesus era uma figura inventada por alguns judeus, estudos recentes comprovam a historicidade de Jesus.²

Para Timothy Keller, esses relatos têm o objetivo de mostrar o caráter de Jesus, que por sua vez é “a expressão exata do seu ser” (Hb 1.3), o ser de Deus. Apresentando ao mundo um Deus que expressa sabedoria, liberdade, bondade e salvação. Salvação para o homem aflito e angustiado de um mundo secular. Salvação para as demandas da vida e para a própria morte, mal que tanto aflige o homem em sua existência. Um caminho de vida verdadeiro e digno que leva o homem até o Deus que o criou (Jo 14.6).

174

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo pós-moderno, sem Deus, secular, líquido, tentou conduzir a reflexão sobre Deus para o ambiente privado, como se a fé fosse uma espécie de *hobby* que a pessoa deveria ter só nos seus momentos de lazer ou interesse. Só que sua proposta de vida não lidou de maneira profunda com os dramas que as-

2 Richard Bauckham, Paul Eddy, Gregory Boyd, são alguns dos eruditos que tem se dedicado a provar que os relatos dos Evangelhos apresentam de fato uma história sobre Jesus Cristo. Testemunhas oculares narradas nos textos, como apresentadas como fonte em Lucas 1.2, como material base para construção de seu evangelho. Assim como, a própria estrutura narrativa dos textos. Alguém que quer se firmar no cenário religioso em cima de uma mentira jamais colocaria a ressurreição como ponto chave dessa nova crença, pois tanto a cultura grega quanto a judaica a viam como repulsiva. O reforça como autêntico a narrativa dos autores dos evangelhos.

sombram o homem ao longo de sua história, como: sofrimento, morte, sentido e outros. A humanidade continuou a sua busca por significado para enfrentar os desafios que marcam a sua existência. E, ao que parece, a religião, especialmente a fé cristã, tem as melhores respostas.

O esforço de Timothy Keller ao longo de sua obra é desmascarar as falácias propostas pela visão de mundo secular e contrapor com a cosmovisão cristã. Ele salienta que mesmo que Deus não possa ser provado empiricamente isso não implica a sua inexistência, ao mesmo tempo que demonstra o quanto logicamente o cristianismo faz sentido para explicar as diligências da vida. De modo pessoal, Deus na pessoa de Jesus Cristo, veio propor uma saída para a humanidade. A salvação que é fruto de seu amor.

REFERÊNCIAS

AL-HANATI, Yuri. O menino pastor que se tornou descrente. **Gazeta do Povo**, 30 de abril de 2011.

175

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. 2.ed. São Paulo: Vida, 2003.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SLOTERDIJK, Peter. **Pós Deus**. Petrópolis: Vozes, 2019.

TEIXEIRA, Isabel Mello; SILVA, Edson Pereira. História da eugenia e ensino de genética. Revista **História da Ciência e do Ensino**. Volume 15, 2017. p. 63-80. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/viewFile/28063/22596>.